

# REFLEXÕES SOBRE OS SIGNOS E SEUS IMPACTOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS: ESTUDOS COMPARATIVOS DE TEXTOS DA SELEÇÃO DO DOUTORADO/2020

Elisabeth Silva de Almeida Amorim<sup>1</sup>

*Resumo:* Inegavelmente, o grande acontecimento do século XIX foi a descoberta do signo linguístico por Saussure. Atentar-se para os impactos causados por esse acontecimento se faz necessário para compreender o avanço nas pesquisas em diferentes áreas, pois afinal, o signo traz a luz para a linguística e contribui para deixar a linguagem inapreensível. Este artigo tem como objetivo fazer um estudo comparativo no campo das Ciências Humanas, a partir de descrição de cenas que apontem o lugar da língua e da literatura nos textos de referência obrigatória na seleção de doutorado em Crítica Cultural, bem como mapear os impactos da descoberta do signo para a promoção de uma nova língua/literatura. Através da pesquisa bibliográfica, faremos leituras comparativas e dialógicas acerca dos signos linguísticos realizadas por Giorgio Agamben (2015; 2017) e Èmile Benveniste (1976); as práticas de letramentos com Ângela Kleiman (2001) e Brian Street (2014); e desconstrução da literatura defendida por Jacques Derrida (2014), Roland Barthes (2001), entre outros teóricos. Como resultado desse trabalho que proporciona a articulação linguística-literária, descreveremos sobre os impactos da nova língua como instrumento de poder e ação política de silenciados e silenciadas que não se deixaram capturar por manuais didáticos, nem o academicismo, grandes responsáveis pelo engessamento da língua/literatura.

*Palavras-Chave:* Signos. Estudos comparativos. Ciências humanas.

## INTRODUÇÃO

O século XIX é marcado por uma grande descoberta linguística que influenciou as pesquisas em diferentes áreas, propiciando uma virada

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica – UNEB), linha de pesquisa: Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador Professor Dr. Roberto Seidel, endereço eletrônico: beth.criticacultural@gmail.com.

linguística abraçada pela história, filosofia, literatura, pedagogia, antropologia entre outros campos de saberes que tiveram seus objetos de pesquisas modificados. Ferdinand Saussure (1857-1913), linguista suíço, considerado o pai da Linguística Moderna, ao descobrir e defender o signo como a irradiação da linguística, — uma parte viva, dupla, formada de significado e significante, — levantou a bandeira da arbitrariedade dos signos, já que conceitos e imagens não se correlacionam. Este pesquisador tornou-se mundialmente conhecido, graças as ações de alguns dos seus alunos do Curso de Linguística, em Genebra, ao compilar produções discutidas em sala e transformar no livro *Curso de Linguística*, publicado em 1916, três anos após o falecimento do professor Dr. Ferdinand Saussure.

A descoberta de Saussure rompeu fronteiras e barreiras do tempo. A *priori*, pesquisar sob o viés da Crítica Cultural tem o signo linguístico como objeto de análise, bem como as reverberações no campo das ciências humanas. Este acontecimento epistemológico traz o foco na língua em situações adversas, principalmente no âmbito da desmontagem. Com isso, este *paper* buscará nos textos da bibliografia obrigatória da seleção para Doutorado em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia, ano 2020, o lugar da língua e da literatura nas diferentes situações e contextos de aprendizagens em produções legitimadas ou não.

Inicialmente, as contribuições de Agamben e Benveniste estarão lado a lado, associando os pontos e contrapontos no trato com o signo linguístico, percorrendo entre os caminhos da Ciência da linguagem, onde as dobras, barreiras linguísticas, signos e Saussure se destacam. Para esses estudos comparativos, fomentaremos as discussões em Giorgio Agamben (2015; 2017), através dos ensaios *A barreira e a dobra* e *Introdução a uma ciência da linguagem*, versus Èmile Benveniste (1976), com o texto *Saussure após meio século*.

Outra cena explorada diz respeito às práticas de letramentos com fundamentação teórica em Ângela Kleiman (2001) com o texto

*Letramento e Formação do Professor*, e Brian Street (2014) em *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Entender como essas pesquisas se cruzam unindo em alguns pontos e distanciando em outros, — ao lidar com o texto, signo, significado e significante, para que as práticas de letramentos escapem do cientificismo acadêmico — talvez seja uma das nossas maiores inquietações. Porque há muito a ser desvendado, pesquisado, ensinado, aprendido e confrontado, para que novas desmontagens aconteçam no âmbito linguístico-literário.

Não poderíamos deixar de fora o ícone da teoria da desconstrução literária, Jacques Derrida (2014), ao discutir quão estranha é a instituição chamada literatura, onde o despoder literário é a chave do grande poder da literatura. Assim, neste terceiro cenário para dialogar com Derrida, invocamos a presença do Roland Barthes (2001), que aposta nas forças de poder da literatura, em destaque a semiosis, pela capacidade de multiplicar os sentidos do literário. Seja Derrida ou Barthes, ambos promovem discussões acirradas ao lidar com a literatura. No entanto, há um consenso, pois não se pode pensar em literatura sem associar a outras linguagens e signos, e é disso que iremos discutir, através de estudos comparativos dessa pesquisa bibliográfica.

## **AGAMBEN E BENVENISTE: ENTRE A FILOSOFIA E A LINGUÍSTICA BEBENDO DA FONTE DE SAUSSURE**

O filósofo italiano Giorgio Agamben (1942) é um dos grandes nomes da filosofia contemporânea. Ele analisa os estudos do filósofo e linguista Jean Claude Milner e chama a atenção sobre a posição ocupada pela linguística, pois deixa de ser a “ciência piloto” e passa a disputar o mesmo objeto com outras ciências, principalmente a filosofia. No entanto e por falta de legitimação, a linguística trava uma briga com a filosofia, esquecendo-se de que, quanto mais as duas disputam por espaço almejando um distanciamento, mais próximas elas continuam.

Não resta dúvida que a proximidade entre Linguística e Filosofia se deu a partir da virada linguística, século XIX, com a descoberta do signo por Ferdinand Saussure. Saussure é considerado o homem dos fundamentos que promoveu uma reviravolta nas Ciências das Linguagens, livrando assim, a linguística da investigação meramente histórica. Esse grande lance da linguística tem a ver com bilateralidade do signo, mas a linguística não precisa se sentir a “dona do pedaço”, pois afinal, linguística e filosofia se complementam pelas suas histórias de idas e vindas no enalce do objeto que se modificou e tornou-se escorregadio, estruturado por uma linguagem marcada pelas arbitrariedades do signo.

Ao explorar as contribuições de Saussure, encontra-se o livro *Curso de Linguística*, fruto das suas pesquisas abraçadas por ex-alunos. Esses estudos, também compartilhados por Agamben e Benveniste, recorrem a trajetória de Saussure para fundamentar suas defesas. Um filósofo e um linguista que se curvam para os impactos do signo e anunciam o surgimento de uma nova língua, novo pensar, nova forma de pesquisar. Agamben (2007) aponta o signo como uma luz, já que a linguística tornou-se, com o acontecimento do século, o espaço da diferença, e o signo faz com que a linguagem torna-se inapreensível. Anteriormente, Benveniste (1976) trouxe a defesa da duplicidade do objeto linguístico. Vale ressaltar que o drama de Saussure em não encontrar sentido na linguística, causou insatisfação muito grande, porque sabia que a sua descoberta, apesar de estrutural, desmontaria muitos estudos, e transformaria de forma irreversível a linguística, como de fato aconteceu. A descoberta do século causou inquietação em muitos linguistas, isso porque,

Tese de aparência paradoxal, que ainda hoje pode surpreender. Certos linguistas censuraram a Saussure o prazer-se em sublinhar paradoxos no funcionamento da linguagem. A linguagem, porém, é realmente o que há de mais paradoxal no mundo, e infelizes daqueles que o não vêem. Quanto mais nos adiantarmos, mais sentiremos este contraste entre a unicidade como categoria de nossa percepção dos objetos e a dualidade cujo modelo a linguagem impõe à nossa reflexão (BENVENISTE, 1976, p. 45).

O ensaio de Benveniste mostra o quão foi difícil para Saussure investir na pesquisa inovadora, porque as críticas chegaram com muita veemência, a ponto do pesquisador se afastar por um tempo do seu objeto de estudo, decepcionado, sem abandoná-lo de fato, pois esporadicamente, escrevia artigos a pedido. Sentia-se impotente, pois as mudanças previstas seriam irreversíveis e radicais, atingiriam não apenas a linguística, mas também as ciências humanas. Hoje, não há mais dúvida acerca da descoberta do signo como responsável pela grande revolução científica do século XIX, porque a virada linguística proposta por Saussure, trouxe a luz para a ciência da linguagem. Não é por acaso que as outras ciências buscam se beneficiar dos rastros deixados por Saussure e demais seguidores.

Agamben (2007) fez um ensaio interessante acerca das contribuições de Saussure. Ele chama a atenção ao afirmar que os cursos ministrados por Saussure não eram destinados a publicação, e as frustrações do pesquisador foram contadas através de uma carta, nas palavras dele: “Saussure faz uma carta dizendo que não havia nenhum signo usando em linguística que ele atribui sentido”. Um outro ponto que esse filósofo chama a atenção, diz respeito a linguagem ser um espaço de diferenças negativas, porém “o signo em si mesmo é ponto de irradiação positiva”. Tantos anos depois, o que não faz mais sentido é pesquisar a língua dissociada da linguagem, ou investigar a literatura distante dos signos linguísticos.

Sem dúvida, é preciso retornar a fonte de Saussure quantas vezes necessário for, e sabe por quê? A linguística, filosofia e antropologia não precisam disputar o mesmo objeto, almejar o pódio. Mesmo porque as relações entre signo e significado são construídas em situações opostas, em uma clara dualidade. Como já defende Agamben, o signo traz luz à linguística, deixando-a inapreensível. Assim, na cena descrita, é possível Filosofia e Linguística irem à mesma fonte sim, e a diferença será como as duas ciências dialogarão a partir desse retorno. No entanto, por mais que elas se cruzem e se repelem nos caminhos da pesquisa, ambas reconhecem Saussure como o homem dos fundamentos que transformou

a ciência da linguagem, e através desse objeto transformado e transformador que aqui chamamos de signo, foi capaz de colocar a linguística e a filosofia do mesmo lado, para juntas anunciarem uma ruptura com a tradição em prol da epistemologia da inovação.

## **PRÁTICAS DE LETRAMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA LÍNGUA**

É muito comum utilizar-se de textos de autores consagrados para o desenvolvimento de práticas pedagógicas de leitura em sala de aula. Isso porque a academia, de certa forma, exerce o poder de atestar o “bom”, e em contrapartida, descartar o “ruim”. Por conta desse “atestado” de garantia, muitos textos não passam no teste, e fecham ou limitam os círculos de letramentos. Será que as práticas de letramentos necessitam da apropriação de cânones literários?

Uma pesquisa desenvolvida por Ângela Kleiman (2001) sobre as práticas de letramentos sob a perspectiva da linguística aplicada, Unicamp, é motivada pelo grande número de pesquisas realizadas, através das quais, professoras são apontadas como não leitoras e não pesquisadoras. Por conta deste discurso que desvaloriza o professor, Kleiman fundamenta-se em Freire, Erickson, Bourdieu e divide sua pesquisa em duas etapas: uma fase ética, para entender o porquê da desvalorização de uma classe, e na fase seguinte para investigar a formação e educação continuada para alfabetização da EJA. Para apontar professoras como não leitoras, de imediato acende aquela luz: não são leitoras de quais gêneros textuais? Qual o lugar do texto na vida dessas professoras? E partindo de uma pesquisa sócio-histórica com um grupo focal, pode-se chegar a resultados interessantes.

Ao investigar a raiz do problema, Kleiman aponta a ausência de leitura legítima desde cursos de Letras e Pedagogia pelos quais as professoras passaram. Consequentemente, faltam criticidade nos cursos e pesquisas de formação continuada. Indo além, ela aponta três dimensões na atuação das professoras na formação continuada para

alfabetização da EJA: desarticulação de discurso didático e científico nos objetivos propostos; incapacidade de compreender e interpretar textos expositivos, principalmente professoras de família não letrada e; capacidade interpessoal para reproduzir o discurso acadêmico. A pesquisa de Kleiman levanta uma questão bem maior em relação ao letramento e formação do professor, uma vez que as professoras tinham um marcador de classe, que é o texto canônico, sendo que os repertórios e práticas pedagógicas de professoras, bem como a familiaridade com os textos, variavam conforme o nível do letramento dos familiares.

Já Street (2014) realizou um estudo de caso com abordagem etnográfica sobre letramentos relacionados à educação. O público-alvo foi professor de classe média de determinado bairro de uma metrópole nos Estados Unidos. Vale ressaltar que ele e Joana Street defendem uma pedagogia do letramento, daí a inquietação para descobrir até que ponto o letramento caseiro e o letramento escolar se complementam. E os resultados surpreendem, porque as mulheres, apesar de invisibilidade de letramento, desenvolvem práticas alternativas ao registrarem suas ações, ao tempo em que trabalham a língua de forma descontextualizada e solta. Fazem prática de avaliações arbitrárias que bem pouco ajudam no conhecimento do aluno, porque cada vez mais rotulam a escola como espaço do letramento.

Por outro lado, a pesquisa de Street aponta também os pais como “guardiães do letramento adequado”, pois são eles que praticam em casa a leitura com seus filhos. É possível perceber como as práticas de letramentos favorecem o surgimento de novas línguas. Enquanto Kleiman defende as práticas de letramento através dos repertórios, Street vai além, e através do evento gravado, sugere um letramento como prática social e crítica, ao perceber as distorções discursivas entre comunidade versus escola. O mais surpreendente foi perceber como o texto trabalhado em sala de aula não passava de um instrumento de poder nas mãos das professoras, onde o espaço legitimado, a voz e o tempo eram controlados por elas.

Tanto Kleiman com seu grupo focal brasileiro e Street em seu estudo de caso americano, ao discutirem as práticas de letramentos, trazem algo em comum: o lugar da língua e da literatura nas práticas de letramentos dos envolvidos nas pesquisas. No entanto, percebe-se na pesquisa de Kleiman, uma necessidade de desconstruir o local legitimado pelas professoras, onde o preconceito universal se fez perpetuar acerca dos discursos acadêmicos e dos livros didáticos, para que as vozes desses professores e estudantes possam ser ecoadas e esvaziadas de estigmas e limitações, e seus textos também sirvam de exemplos a serem lidos e exibidos.

Street mostra as práticas de letramentos em dois espaços diferentes, nos quais a língua é trabalhada solta como se não fizesse parte da linguagem. Em qualquer espaço de letramento, o texto apresentado não precisa ser instrumento de controle, mas de descontrole, desmontagem. É preciso desmontar o signo letramento para esvaziá-lo do canônico, legítimo, rótulo e da pedagogização. Sem a desconstrução do signo, as cenas de letramentos continuarão existindo e sendo invisibilizadas pela legitimação de espaços universais, enquanto em casa, no clube, no shopping e nas comunidades, o letramento acontece desapercibido por muitos.

Kleiman e Street anunciam uma nova língua quando as práticas de letramentos saem dos espaços legitimados e pipocam incontroláveis em diferentes situações, desde os discursos dos pais, aos repertórios das professoras, sejam no exercício da docência ou nas práticas do cotidiano doméstico. E os resultados muito se assemelham, pois é necessário investir na pesquisa crítica se queremos leitores críticos. É preciso conhecer a realidade, para investir nessas brechas e para que o aluno, professor, gestor, não se intimidem em querer transformá-la. Porque a ruptura só acontece quando sobra coragem para mudar o que não agrada e se repete continuamente.



## **ENFIM, A DESCONSTRUÇÃO É O SIGNO!**

O ensino da literatura dissociado da vida e de outras linguagens parece estar com os dias contados, conforme agoniza o discurso acadêmico de referencial canônico, onde o pódio era destinado aos bons escritores. Barthes (2001) defende que a literatura precisa “falsear” a linguagem e não se deixar aprisionar nos braços arbitrários das convenções linguísticas, para transcender a partir de outras significações, afinal, há muita força que emana do literário.

Roland Barthes anuncia três forças de poder da literatura, sendo uma capaz de articular os saberes propondo um diálogo com várias ciências (mathesis), multiplicar os sentidos do literário (semiosis) e a força que representa o real (mimesis). Para Barthes, a literatura é a maior das ciências, pois ela é capaz de abraçar todas as outras. Quando falamos desse abraço da literatura a outras ciências e multiplicação de sentidos, inegavelmente, remetemos as contribuições de Saussure, com a descoberta do signo permeado de significado e significante. E como o signo abre o leque para a reinvenção de sentidos, com a literatura não poderia ser de outra forma, surgindo com isso uma nova língua a partir da desconstrução linguística.

Isso nos leva a afirmar que não existe uma essência do literário. Para Derrida (2014), a sobrevivência da literatura é justamente no diálogo que ela faz com outras áreas, produtos artísticos e até mesmo com a própria história. As contribuições de Derrida sustentam a minha defesa em relação ao texto literário no espaço virtual. Notamos como o autor no ambiente virtual se constrói, desconstrói e reconstrói ao longo da leitura/escrita do literário, vivenciando ora autor, ora leitor, ora leitor-autor. Essas variações de significados só foram possíveis graças as contribuições de Saussure, contribuições essas que foram além da linguística, filosofia, literatura, antropologia... e demais ciências, que preferiram a virada linguística a ficarem presas na historiografia ou metafísica ocidental.

Derrida ainda almeja uma literatura transcendente, porque o poder da literatura está justamente no despoter e na autoridade de fala, pois a literatura ao dialogar com outras ciências pode transitar livremente e dizer algo que outras ciências não estariam dispostas a dizer, penetrar em temas mais escorregadios e preocupantes, evitados por outros. Multiplicar sentidos é nossa bandeira, porque a literatura precisa ser reinventada para conseguir alcançar novos leitores. Os livros das prateleiras precisam encontrar espaços para dialogar como outros textos. Desmontar, como bem defende Derrida, é desconstruir, desfazer o que está posto, sem jamais associar a destruição. Pelo contrário, podemos pensar em multiplicar para refazer o literário.

A literatura precisa ser refeita e desfeita para que surja essa nova língua libertária, porque o literário é permeado de dobras. Em entrevista com Derek Attridge em 1989, Derrida (idem) defende que a literatura ocupa o espaço da ficção instituída, vista como histórica, cheia de convenções e regras e instituição da ficção. Esta tem um caráter livre, sabendo que mesmo com o gozo da liberdade, há censura e política que limita e controla essa fala.

E se pensarmos como fica a leitura sob o viés de Derrida, logo chegaremos ao ápice do texto por ele defendido, porque leitura sem transcendência, transformação, reflexão, mudança de atitude, posicionamento político, — ou seja, a leitura sem a desconstrução de significados endurecidos e seculares — “destruiria os rastros dos textos”, porque o texto existe na/para leitura. Desta forma, Derrida combate o significado transcendental que muito contribui para o engessamento de ações revolucionárias.

Roland Barthes e Jacques Derrida, inegavelmente, também passaram pela mesma fonte de Saussure. Através desses teóricos franceses temos a semiologia, sociologia, filosofia, crítica literária, em parceria com a linguística em prol do fortalecimento e sobrevivência da literatura. Daí, já se pode avaliar o quanto a descoberta do signo revolucionou as pesquisas nas ciências humanas e ciências das linguagens.

Um outro aspecto a ser notado, é como a linguística e a antropologia precisam acertar seus passos. Ambas desfrutam das descobertas saussurianas, mas continuam almejando um distanciamento social uma da outra. Levi-Strauss (2008), no ensaio *Linguística e Antropologia*, fala dessas tentativas frustradas de aproximação e distanciamento, e chama a atenção para uma “curiosa contradição”. Para ele, linguistas querem da antropologia, a concretude em seus estudos. Por outro lado, os antropólogos se voltam para os linguistas para saírem dessa concretude e fugir do empírico. Apesar da situação ser complexa, — porque não há uma “receita” para formulação de uma linguagem comum às duas ciências — não se pode pensar na cultura fora do social.

Levi-Strauss chama a atenção do primordial da pesquisa, independente do viés linguístico ou antropológico. Para ele, é necessário evidenciar o “espírito humano”, porque ao pensar na humanização do ser, as pesquisas se aproximam e não se distanciam. Talvez com essa aproximação, o local se transformará glocal e assim teremos antropologia dialogando com linguística, filosofia, história, literatura, e compartilhando métodos e práticas humanizadoras.

## CONCLUSÃO

Será que este espaço cabe mais uma cena? Talvez a mais preocupante, onde dialogaria Byung-Chul Han (2015), de posse com a *Sociedade do Cansaço*, versus Mbembe (2018), com a *Necropolítica*. Seria interessante, pois vivemos realmente em uma sociedade em que a violência vai bem além da disciplina. Um sistema onde a estranheza parece cada vez mais desaparecer para os “iguais” assumirem a cena. Onde as violências da negatividade e da positividade se complementam.

Para Han (2015), o mundo cada vez mais empobrece de negatividade, deixando-nos cansados. Um cansaço mais que físico, um cansaço da alma, que está destruindo a linguagem. Por outro lado, Mbembe ao fazer uma arqueologia do signo “soberania” revela algo assustador, pois segundo ele, as formas de soberanias existentes não

lutam pela autonomia, mas pela destruição de corpos humanos, instrumentalização da existência e extinção de populações. Ou seja, existe uma política da morte.

Estamos vivendo um momento catastrófico, sim. Se a necropolítica está imperando, talvez com a existência do COVID 19, — onde pessoas agonizam nos hospitais à espera de um leito de UTI — essa triste realidade está sendo escancarada. Faz-se necessário prevalecer nesta cena final, a existência de um necropoder para que as resistências e soberanias sejam questionadas e alteradas. E assim, as delimitações sejam derrubadas para no lugar do martírio, surgir a liberdade, o suicídio ser substituído por resistência, e a morte pela vida.

Em defesa da literatura viva, dinâmica, ousada, transcendente, crítica, libertária, não há como fazer uma arqueologia do signo autoria, por exemplo, sem dialogar com a linguística, filosofia, antropologia, literatura e claro, a crítica cultural. E fundamentando-se em Santos (no prelo), ele defende uma literatura onde a linguagem seja extraída das ruínas, das brechas, das tocas de resistências, para que se construa uma pedagogia da desativação. Ou seja, é preciso conhecer onde os dispositivos de poder operam, para buscar formas de desativá-los. E por que não, através de uma literatura politizada e crítica? Por que não fazermos dos cursos de capacitação de professores, um dispositivo a mais para engajá-los numa luta pela emancipação literária dos moldes envelhecidos nas bibliotecas? É possível deslumbrar uma nova língua a partir da desmontagem literária! É possível transformar o espaço virtual em um local de resistência a uma literatura tradicional que não interessa aos estudantes. É possível investir no biopoder a partir do literário.

Ao fechar temporariamente esse *paper*, sinalizamos que ele é fruto de uma leitura inicial, sujeito a avançar ou revisar alguns pontos ao longo da pesquisa. Mas em todas leituras, revisões, avanços ou recuos, o signo se fará presente. Estaremos dialogando essa descoberta do século XIX, com outras ciências humanas e, conseqüentemente, modificando olhares

para as pesquisas, fazendo com que as vozes subalternas possam ser ouvidas.

Em consonância com o discurso de Santos, é preciso que o pobre nordestino ou de outro lugar do mundo, tome consciência do seu lugar político e lute para que as reparações aconteçam, *seja linguística, cultural, territorial e ontológica*. Eis mais um que propõe uma pesquisa transgressora e multidisciplinar, capaz de promover o embate com estado e o capital. Quer saber alguns passos? Reinvente a língua, redimensione conceitos. Em prol de uma literatura libertária, grite e combata toda linguagem que não seja libertação e assim, poderemos dizer: — Obrigada, Saussure, desmontamos mais um signo!

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Filosofia e Linguística: Jean-Claude Milner: Introduction à une science du langage. In: AGAMBEN, Giorgio. *A potência do pensamento (ensaios e conferências)*, Trad. Antônio Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 51-69.

AGAMBEN, Giorgio. A barreira e a dobra. In: AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. E posfácio Leyla Perrone\_Moisés. São Paulo: Cultrix, 2001.

BENVENISTE, Emile. Saussure após meio século. In: BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral*. Trad. Maia da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1976, p. 34-49.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

KLEIMAN, Ângela. Letramento e formação do professor: quais as práticas e exigências no local de trabalho. In: KLEIMAN, Angela (Org.). *A formação do professor: perspectiva da linguística*: Campinas: Mercado de Letras, 2001.

LEVI-STRAUSS, Claude. Linguística e antropologia. In: LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. v I Trad. Beatriz Perrone-Moiseis. São Paulo: Cosac & Naify, 2008, p.79-92.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SANTOS, Osmar Moreira. Platô de crítica cultural na Bahia: por um roteiro de trabalho científico transgressor. In: *40 anos do GELNE (livro de referência sobre programas de pós-graduação em Letras no Nordeste)* no prelo, p. 1-21.

STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. São Paulo: Parábola, 2014.